



Entrevista:
Dijon de Moraes

Escritos de Design – Um percurso narrativo.

Entrevista com Dijon De Moraes

Giselle Hissa Safar

Giselle Hissa Safar

Arquiteta, com especialização em Metodologia do Ensino Superior (FUMA), Mestrado em Engenharia de Produção (UFMG) e Doutorado em Design (2020). É professora de História da Arte e História do Design e pesquisadora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais onde foi coordenadora do Curso de Design de Produto (2000/2004), Diretora (2004/2008), Coordenadora de Extensão (2008-2016) e foi Pró-Reitora de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG (2016-2018). É coordenadora do Centro Integrado de Design Social, presta consultoria no desenvolvimento de projetos de capacitação de núcleos sociais e seu atual interesse é no desenvolvimento de pesquisas sobre a participação feminina no Design sendo membro da International Gender Design Network – IGDN.

Para aqueles que são do campo do design, tanto acadêmico quanto profissional, o nome Dijon De Moraes já é bem conhecido. Com impecável formação acadêmica, no Brasil e no exterior, experiência profissional em empresas de renome, professor dedicado e um caso raro de designer brasileiro que se tornou Reitor de uma Universidade, Dijon de Moraes é também autor de vários livros. Seu último trabalho — *Escritos de Design*, foi lançado recentemente pela Editora Blucher de São Paulo e é sobre esse livro que conversamos durante a entrevista gentilmente cedida pelo designer, professor e colega por quem tenho grande estima. A entrevista foi realizada por correio eletrônico, tendo sido enviadas cinco perguntas que Dijon respondeu entre os dias 01 e 11 de novembro, justamente no período no qual esse escorpiano de fala e maneiras suaves, mas firme determinação, completou 61 anos de idade.



Giselle — Dijon, quando e por quê você decidiu escrever seu livro *Escritos de Design*? O livro começou a ser escrito no Brasil e foi finalizado na Itália. Algum motivo simbólico ou afetivo para isso?

Dijon De Moraes - A ideia deste livro surgiu quando ainda estava como reitor da Universidade do Estado de Minas Gerais — UEMG. Isso ocorreu, quando em uma das minhas viagens à Milão para compor bancas de doutorado no *Politécnico di Milano*, me deparei com vários livros escritos por protagonistas do design italiano que tinham um formato diferente dos até então conhecidos e publicados, antes eminentemente documentações das suas produções práticas ou reflexões teóricas sobre o design, que muitas vezes não ultrapassavam os limites do ensino acadêmico.

Após adquirir e ler alguns desses novos formatos de livros, eu programei, para quando deixasse a gestão superior, me dedicar ao projeto de um livro mais leve e narrativo, que trouxesse a minha experiência vista e vivida dentro do design desde as influências recebidas na infância, passando pela formação acadêmica até o percurso profissional sempre tendo o design como eixo transversal.

Interessante é que eu sabia que iria me aposentar da UEMG logo após o término do meu segundo mandato como reitor e, assim, me programei para passar um período sabático na Itália, onde tinha convite como professor visitante junto ao *Politécnico di Milano* e na *Università Degli Studi di Capania* em Nápoles. Essa decisão de retornar à Itália, me parecia, a princípio, bastante óbvia devido a minha forte ligação com aquele país onde vivi por mais de oito anos e, onde também concluí o meu círculo formativo em nível *stricto sensu* em design.

Porém, devo dizer que somente após ter escrito parte do livro no Brasil e parte na Itália (a maior parte de fato foi escrito na Itália), foi que percebi que isso não tinha sido um fato ao acaso. Na verdade, intuitivamente, eu busquei unir os dois espaços que me proporcionaram formação acadêmica e crescimento profissional que foram Brasil e Itália.

Giselle — O seu livro é um misto de autobiografia e reflexões sobre o design. De um lado o Dijonzinho, mineiro do interior, afeito aos pequenos prazeres da vida simples, às conversas de pé de ouvido, à vida familiar. De outro, o Dijon cidadão do mundo, designer, pesquisador articulado internacionalmente no meio acadêmico. Como você vê essa relação?

Dijon De Moraes - O interessante nesse formato de livro, é que normalmente o articulista sempre inicia a narrativa pela infância pois, ali pode estar a chave de interpretação ou a motivação que o levou a escolher essa ao invés daquela profissão. No meu caso, eu busco traçar uma relação entre o mundo fabuloso, mítico e bufo da minha infância, vivida e passada no interior de Minas, com os aspectos criativos e inovadores presentes na atividade de design. Foram dois fatores que me fizeram perceber a relação entre a infância e a escolha profissional: o primeiro quando me deparei com o universo fantasioso dos filmes do Neorealismo italiano, especialmente no final deste movimento com as obras do Federico Fellini. Na obra do Fellini eu via uma grande semelhança com o que vi na minha infância, com toda aquele ecletismo estético, tanto visuais quanto sonoros, que se encontram presentes na obra do grande diretor italiano. Tudo isso para mim transcorria como sendo muito familiar e com muita semelhança com o que eu vivi em Pedra Azul.

Me lembro, por exemplo, do filme do Fellini “A Estrada da Vida” (*La Strada*) de 1954 com os atores Anthony Quinn e Giulietta Masina, onde eu realmente me transportava entre aqueles meninos que ficavam entorno ao espetáculo de rua por eles protagonizados como artistas mambembes pelo interior da Itália. O segundo fator para mim bastante marcante ocorre quando a minha mãe me levava para a padaria da nossa cidade, onde ela e suas amigas alugavam o espaço aos sábados para fazerem biscoitos para as suas famílias. Dessa experiência na velha padaria, sou capaz ainda hoje de narrar todos os instrumentos e maquinários que elas utilizavam e, onde, por fim, eu fazia os meus próprios biscoitos em forma de produtos comestíveis. Essas referências de infância, além dos curiosos objetos e artefatos presentes na sala da nossa casa, me deram lastros para a curiosidade e a imaginação. Certamente essas passagens vivenciadas me ajudaram no futuro a escolher o caminho do design. Por tudo isso, o livro se inicia com as referências da infância que é a fase mais aberta para o conhecimento e a percepção sobre as coisas e a própria vida.

Já como profissional adulto eu tento mostrar no livro que a minha escolha foi, em grande parte, uma consequência dessa história vivida. Na verdade, o meu maior desafio foi o de sair de Pedra Azul para Belo Horizonte pois, mais tarde, da capital para Milão foi uma consequência dessa primeira mudança de ambiente ocorrida na minha adolescência. Na Itália, de fato, eu tive a oportunidade de conviver, estudar e gozar da amizade de grandes personagens que ajudaram a construir a história prática e teórica do design italiano. Muito também ajudou, o fato da curiosidade deles em ter próximo pessoas de outras culturas e com diferentes narrativas de vida. Vale lembrar que quando fui pela primeira vez estudar em Milão, em 1992, eu já era professor na FUMA e meus colegas, bem como os próprios professores, me viam como alguém que tinha ido se qualificar e promover relações entre a Itália e o Brasil no âmbito do design.

Recordo que uma das primeiras ações que fiz nesse sentido, a menos de um ano que me encontrava em Milão, foram as matérias para a “Revista Projeto Design” (fusão das revistas “Projeto” com “Design & Interiores”) de São Paulo com o mestre maior Achille Castiglioni e com o designer Isao Hosoe que era japonês, mas que fez toda a sua carreira profissional na Itália. Esses encontros estão narrados no livro, bem como tantos outros momentos do design brasileiro e internacional onde tive o privilégio de, em muitos momentos, ter sido testemunha ocular de importantes passagens da história do design.

Giselle — Sua produção bibliográfica em design é muito significativa e, em se tratando apenas dos livros, temos quatro títulos: “Limites do Design”, “Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem” (o meu favorito), “Metaprojeto — o design do design” e agora “Escritos de Design — um percurso narrativo” que parece fazer um fechamento de suas experiências e reflexões. Se considerarmos esses livros como uma trajetória, o que cada um representa?

Dijon De Moraes — Seguramente esses meus livros representam um processo evolutivo como escritor, bem como um amadurecimento pessoal, profissional e ainda como pesquisador interessado na área do design. Eu escrevi o primeiro livro “Limites do Design” entre os 32 aos 34 anos de idade (Publicado pela Studio Nobel em 1997 quando estava com 36 anos) e muitas perguntas trazia comigo sobre essa fascinante atividade. Em “Limites” eu

vejo como positivo o fato de ter colocado em debate algumas instigantes questões, entre elas o processo de globalização cujas consequências apenas iniciavam a refletir no design mundial no início dos anos de 1990. Outro ponto que destaco como importante presença neste livro, foi o de ter questionado a teoria divisionista existente entre “design de centro e periferia”, cujo tempo nos demonstrou que estava certo em contestar.

O livro “Análise do design brasileiro” (Editora Blucher, 2006) que publiquei aos 45 anos (mas que me consumiu seis anos de pesquisa) é também o que mais gosto ou pelo menos era o que mais gostava até a publicação de “Escritos de Design” (sobre isso falarei mais adiante). Mas este livro, está seguramente entre os de maior aceitação crítica e de sucesso comercial. “Análise” foi adotado em praticamente todas as escolas de design do Brasil e também em Portugal. Neste livro, que me tomou seis anos de pesquisa e de trabalho editorial, eu busquei colocar em evidencia o complexo percurso do design brasileiro com suas características e contradições intrínsecas. O design brasileiro, apesar de sua potencialidade mestiça, criativa e de riqueza estética ficou, por várias décadas, assimilando modelos provenientes do exterior como referência maior, o que no livro denominei de mimética para não ser deselegante e dizer cópia. Por isso mesmo é que me refiro no subtítulo como design brasileiro “entre mimese e mestiçagem”.

Veja bem, o início dos anos 1960, quando as primeiras escolas de design no Brasil em nível superior começam a surgir, coincide mais ou menos com a época do chamado “Cinema Novo”, “Bossa Nova”, “Arquitetura Modernista” e tantos outros movimentos artísticos e culturais que buscavam a inserção da nossa heterogeneidade mestiça e da nossa exuberância multicultural. Mas isso, não se viu com a mesma força e teor no nosso design que tomou a estrada do modelo racional funcionalista como dogma projetual. Até os anos 1980, quando a minha geração se formou, este modelo era predominante e somente a partir dos anos 1990 é que o design brasileiro começa a repensar o seu destino e toma o seu próprio caminho. Por isso mesmo o caminho das formigas presente na capa do livro, são na sua maioria em cor cinza e somente no final é que se tornam verde, amarelo e azul representando, por consequência, a mimese e a mestiçagem presentes no nosso percurso em design.

Abordar o racional funcionalismo era um tema muito delicado no âmbito da nossa comunidade de referência em design, não se podia dizer algo contra esse modelo no design brasileiro com receio de ofender seus protagonistas que tanto contribuíram para o ensino e a prática do design. Mas eu não via tanta problematização nesse debate pois, por exemplo, quando a “Escola de Ulm” foi concebida, seus princípios estavam coerentes com a realidade da Alemanha no pós-guerra, onde se encontrava um parque industrial destruído, escassez de matéria prima e uma realidade social como drama a ser revertido. Lógico que os conceitos racionais e funcionalistas, bem como a pureza formal foram inteligentes soluções para o design naquele cenário prefigurado. Ocorre que os Estados Unidos, como o Brasil, saíram da guerra praticamente incólumes, prontos para darem o salto para o futuro e, com possíveis novos modelos de modernidade a serem instituídos. Por isso se esperava, para além do racional funcionalismo, que o Brasil se apresentasse como um “player” mundial com uma estética própria e diferenciada, como bem ocorreu com os demais movimentos artísticos e culturais brasileiros acima citados. O livro “Análise do design brasileiro” trás à tona todas essas questões, mas sem tirar o mérito e o reconhecimento da importância do racional funcionalismo para o design brasileiro e mundial.

O livro “Metaprojeto: o design do design” (Blucher, 2010) foi na verdade uma das questões que ficaram em aberto durante os anos de pesquisa do livro “Análise do design brasileiro”. Neste livro, eu busco expandir a questão da complexidade do design para o nível mundial com a definitiva consolidação da globalização com suas oportunidades e problemas correlacionados. O Metaprojeto visto como espaço de reflexão disciplinar e de elaboração dos conteúdos da “Cultura do Projeto”, que antes vinha denominado apenas como “ato” ou “condicionante projetual”. Isto é, com a realidade do cenário fluido, dinâmico e *fuzzy*, proporcionados pela própria globalização mundial na qual predomina a rapidez e o excesso das informações, o Metaprojeto se contrapõe aos limites da metodologia convencional (modelo objetivo, linear e racional) ao se colocar como etapa prévia de reflexão e de suporte ao desenvolvimento do projeto. Por isso mesmo o Metaprojeto (modelo subjetivo, flexível e holístico), enquanto metodologia da complexidade, pode ser considerado o “projeto do projeto” ou o “design do design”.

O último livro publicado “Escritos de design: um percurso narrativo” (Blucher, 2021), eu concluí com 60 anos de idade sendo mais de 40 anos destes envolvidos com o ensino, a prática e a teoria do design. Então é verdade dizer ser este o meu livro mais maduro e que sintetiza toda uma trajetória vivida. Na verdade, o original deste livro tem 860 páginas e lógico que não iria cansar o leitor com esse volume de informações e, por isso, eu mesmo o reduzi para 560 páginas. Mesmo porque eu busco seguir uma máxima italiana que diz: “eu já tenho idade para dizer muita coisa, mas nem tudo que penso”. Você pode reparar que neste livro somente se tem citações diretas sem o modelo formal normativo, não contendo nem mesmo notas de rodapé. Neste momento eu já me sinto seguro para fazer isso, o que não faria e nem fiz nos livros anteriores que são fartamente amparados em citações de diversos autores e de extensas referências bibliográficas.

O formato de “Escritos”, onde se mescla uma atividade profissional com a própria história pessoal, possibilita uma narrativa sobre a ótica de quem viu e viveu a seu modo uma atividade. No meu caso e em relação ao design, existem passagens citadas no livro em que muitas pessoas não se lembravam de suas participações. Neste livro, cito mais de 150 pessoas que protagonizaram momentos marcantes na história do design brasileiro e às vezes do exterior. Por isso também o livro faz uma série de importantes registros onde, muitas vezes, eu participo como privilegiado expectador.

Por isso também posso dizer que, entre os meus livros hoje, eu goste mais do “Escritos”, justamente pela liberdade de expressão que este manuscrito me proporcionou sem as amarras das referências normativas e a insegurança pela idade.

Giselle — Sua atuação na gestão universitária foi longa; cerca de 12 anos entre vice reitoria e reitor. Toda a parte IV de seu novo livro é dedicada a essa fase. Porque essa atuação na gestão universitária foi importante? O que essa parte da trajetória profissional lhe ensinou?

Dijon De Moraes — Eu tenho a consciência de não ser comum, tanto no Brasil quanto no exterior, o reitor de uma instituição universitária ter a formação em design. O normal, quando isso ocorre, é ser gestor superior em instituições com delimitações específicas da área de atuação como: “Arte e Design”; “Arquitetura, Arte e Design”, “Comunicação, Arte e Design”, etc.

Certa vez, assistindo a uma palestra do italiano Augusto Morello (à época Presidente da *Fondazione Triennale di Milano*), ele disparou: “os designers devem entrar para as salas de comando, devem definir eles mesmos seus próprios destinos”. Isso soou para mim como uma grande verdade pois, me lembrei de quantos esforços fizemos, através de nossas associações, em busca de aproximarmos as empresas dos designers, ou mesmo na busca da regulamentação da profissão, na procura de sermos inseridos em editais públicos governamentais, de sermos reconhecidos pelas federações das indústrias etc. Essa é uma passagem que conto no livro “Escritos de Design”, quando menciono o Aloísio Magalhães que ocupou vários cargos públicos como: Membro do Conselho de Cultura do Distrito Federal; Diretor do IPHAN; Secretário de Cultura do MEC e a presidência da Fundação Nacional Pró-Memória. Assim ele ajudou, em muito, o design brasileiro a ocupar maior espaço em nível institucional.

Quando reitor da UEMG, sem esquecer das demais áreas do conhecimento que compõem a Universidade, eu não me esqueci do design que, ao contrário, teve um grande impulso na nossa gestão como pode ser recordado através dos diversos convênios e das ações induzidas de qualificação no exterior que proporcionamos para professores e estudantes. Entre esses cito o “Duplo Título de Graduação em Design” e o “Programa Induzido de Doutorado em Design” que formalizamos com o Politécnico de Torino, para onde seguiram vários estudantes e professores da nossa Escola de Design com vagas e bolsas garantidas por convênios previamente assinados entre a UEMG, POLITO e a FAPEMIG.

Também me refiro ao “*Programa Stricto Sensu em Design*” onde instituímos o mestrado e o doutorado em design na ED-UEMG. Este, até hoje, o único programa completo existente em Minas Gerais. Também não podemos esquecer da mudança da Escola de Design para o novo prédio da Praça da Liberdade cuja decisão de mudança e obtenção da cessão do prédio, projeto de adaptação e toda a reforma do imóvel (ordem de serviço por mim recebida das mãos do governador durante a cerimônia de abertura da IV BBD no Palácio das Artes em 2012) ocorreram na nossa gestão.

Em outros termos não se pode esquecer, como meio de reafirmar a comunicação e a integração da universidade, da criação da Editora (EdUEMG) que a instituição ainda não havia, bem como não se encontrava ativa a TV-UEMG para ficar somente nas ações que você Giselle, competentemente muito nos ajudou como Diretora da Escola de Design e como Pró-reitora de Extensão compondo a nossa equipe de gestão onde tínhamos o estimulante slogan: UNIDADE na DIVERSIDADE.

Em nível macro, não se pode deixar de registrar que na nossa gestão a UEMG passou a sua presença em 07 para 17 cidades em Minas Gerais, de 32 para 147 cursos superiores (somando as especializações), da quase ausência de programas de Stricto Sensu para 06 mestrados e 02 doutorados, de cerca 830 para 1670 professores (mais de 600 concursos realizados), da oferta de 1970 para 6.800 vagas anuais e de cerca 6.700 para 23.000 estudantes, tornando a UEMG a terceira maior universidade pública de Minas Gerais em número de estudantes e de cursos de graduação.

Relato isso não por questão de números, mas porque era, frequentemente, indagado pelos meus colegas do Brasil e exterior, sobre a influência da minha formação como designer na gestão de uma Universidade. De fato, mesmo que no início não tivesse percebido isto de forma explícita, com o passar dos tempos, percebia, a cada dia, que o modelo da minha formação abrangente e holística em design, bem como o uso de processos metodológicos como

forma de resolver problemas inerentes a um projeto, eram bem similares àquilo que praticava diariamente na gestão como reitor.

No tocante à gestão, mesmo tomando ciência disso somente com o passar dos tempos, percebi que utilizava dos mesmos princípios do design para resolver um desafio ou problema no âmbito da Universidade. Cabe ao designer a concepção, o projeto, o desígnio que é propriamente de onde surgiu o termo design. Para tanto, o designer, por sua natureza de formação holística e multidisciplinar, se ocupa mais da prospecção e do futuro com vistas a torná-lo melhor. Ele não pode se tornar uma presa do “estado da arte” existente, mas, ao contrário, vislumbra sempre novos cenários para sair do status quo e do lugar comum, ao promover rupturas e inovações em busca do bem estar das pessoas e da sociedade.

Para mim, identificar similaridades entre a gestão e o processo de design me faz recorrer aos desafios que tive ao liderar equipes de designers na indústria, bem como em escritório próprio que mantive por vários anos. Em ambas as situações lidei com diferentes clientes, profissionais e fornecedores com pontos de vista díspares, o que me concedeu uma rica experiência prática que foi muito importante para a minha formação tanto como designer quanto gestor.

Outro aspecto muito importante nessa relação trata-se do compromisso que um designer tem “com” e “para” o “outro”, isto é, o designer opera em um cenário em que busca resolver problemas nos quais o beneficiário será sempre outra pessoa, ou seja, o outro que fará uso daquele produto ou daquele serviço. Esse é um dos aspectos que diferenciam o design da arte. O primeiro tem como função promover sentido aos produtos e serviços concebidos, enquanto a arte pode se privar de função ou explicação e até mesmo de sentido. Por isso mesmo eu vejo o design como a prótese do corpo e, a arte como a prótese da alma. Nesse viés, podemos, então, dizer que a gestão se aproxima mais do design que da arte.

Uma decisão muito assertiva que tomei quando entrei para a gestão foi a de não me afastar por completo da sala de aula e da pesquisa em design. Continuei a orientar e ministrar módulos no programa de pós-graduação em design, durante todo o período em que estive na gestão universitária. De igual forma, continuei realizando seminários, participando de congressos, bancas de qualificação e de tese, além de publicar artigos e livros por meio do Centro de Estudos Teoria, Cultura e Pesquisa em Design – T&C Design, que instituí na Escola de Design da UEMG antes de seguir para a gestão superior. Tudo isso me alimentava como profissional do âmbito do design, mas de igual forma me trazia ricas experiências que culminava por utilizar como gestor universitário.

Outra relação que se percebe entre o planejamento de gestão e o método de trabalho em design, diz respeito aos desafios a serem resolvidos que nunca são os mesmos, mas sempre mutáveis. Por isso o designer tem o *briefing* e o gestor tem o plano de gestão, que, por analogia, pode ser considerado como sendo um *superbriefing* por ser de maior tempo de abrangência. Enquanto o *briefing* serve para atender um projeto por vez, o plano de gestão engloba o período de um mandato ou até mais, mesmo que esse venha subdividido em fases como sendo de curto, médio e longo prazo. Mas os problemas, independentes do *briefing* ou do plano de gestão, nunca são idênticos e por isso mesmo as abordagens e soluções são sempre distintas.

Interessante notar que o formato do pensamento em design aplicado à gestão corrobora o modelo surgido no início do ano 2000, denominado

de *design thinking*, no qual a maneira de abordar e resolver um problema de design passa a ser aplicada em diferentes contextos que não necessariamente nessa atividade. De fato, a forma de pensar de um designer, a partir do modelo utilizado pelo seu método de trabalho, pode, sim, com grande sucesso, ser replicada em outras circunstâncias como também propõe o *design estratégico e o metaprojeto*.

No meu caso específico, a metodologia que utilizamos, por ocasião dos nossos dois mandatos, teve como referência o “Planejamento Estratégico Situacional – PES”, que não é uma metodologia tão rígida e linear como outras de gestão disponíveis. O PES orienta os trabalhos de maneira que você possa realizar “o mais com menos”, definir as prioridades pela limitação dos recursos disponíveis e também propõe a centralização do foco nas maiores ações que alavanquem outras menores em reboque. O método PES foi por nós escolhido, resguardadas as devidas proporções, pela situação histórica sob a qual essa ferramenta fora pensada. No caso, foi implementada no Chile, na década de 1970, pelo Ministro da Economia Carlos Matus em busca de retirar, em breve tempo, o país da sua condição de subdesenvolvimento com ênfase na melhoria social. Nós vimos, então, uma semelhança com a situação da UEMG, que em 2010 ainda era uma universidade com orçamento insuficiente e com muitos desafios a serem resolvidos. De forma intuitiva, portanto, eu já estava agindo e pensando, durante a gestão, como um designer-reitor ou um reitor-designer que faz uso do “pensamento de design” tanto no âmbito do projeto quanto da gestão.

Por fim, quis escrever este capítulo dedicado à gestão, também como forma de incentivo aos vários colegas da área do design e afins, para ocupar cargos na gestão pública com todas as dificuldades e desafios correlacionados. Quis demonstrar que podemos sim, com o diferencial de nossa formação abrangente e holística, fazer a diferença. Por outro lado, era natural que desde a FUMA até a UEMG onde fui aluno, monitor, professor auxiliar, professor assistente, professor doutor nível VII com pós-doc, vice-reitor e reitor em dois mandatos, prestasse e registrasse o meu agradecimento à essa grande instituição.

Giselle — Com tantas experiências acumuladas no design — estudante, profissional bem sucedido, professor, pesquisador e gestor acadêmico, o que você gostaria de dizer aos milhares de jovens que se preparam para entrar nesse campo ou acabaram de fazê-lo?

Dijon De Moraes — Certa vez eu estava assistindo a um documentário feito com o grande arquiteto e urbanista Lucio Costa, quando a entrevistadora o pergunta: “Professor, qual mensagem você gostaria de deixar aos jovens arquitetos?”. Foi quando para a minha surpresa ele respondeu: “Que mudem de profissão”. Essa passagem do documentário sobre a vida do Lucio Costa muito marcou e, eu pensei nunca precisar de um dia dizer isto. Na verdade, o design tem mudado muito nas últimas décadas, fruto mesmo da abrangência que essa atividade permite ter. A tentativa da minha geração em delimitar os contornos próprios para o design, em busca de lhes conferir um campo próprio de conhecimento, fica, a cada ano, mais distante, visto que as fronteiras do design estão sempre se alargando e possibilitando conexões antes jamais pensadas. Basta recordar da alteração do termo de “Design Industrial” para somente “Design” o que realmente se tornou

necessário pois, o conceito de “industrial” não mais abrangia, dentre outros, o serviço, o virtual, o digital e o imaterial que se tornaram grandes fontes de trabalho na área do design.

Existe, portanto, vantagens e desvantagens nesse processo evolutivo do design que colocou em xeque também o próprio ensino como antes o conhecíamos. Por isso mesmo eu recomendo aos estudantes e aos jovens recém entrados no mercado de trabalho que fiquem atentos a outros modos de formação e de qualificação profissional. Chamo a atenção para os sinais vindos das novas tecnologias disponíveis, da arte contemporânea, das viagens mundo a fora e da música experimental. O ensino de design será cada vez mais como um “bolsão cultural”, onde o estudante absorve o que mais lhe interesse a partir do seu estilo de vida e da área de atuação escolhida.

Mas, espero que nunca precisem mudar de profissão...



Sobre o Livro

**Escritos de Design –
um percurso narrativo**

Autor; Dijon De Moraes

ISBN: 9786555062465

Páginas: 558

Formato: 20,5 x 25,5 cm

Ano de Publicação: 2021

Editora Blucher

<https://www.blucher.com.br/>